



Alcides Maya
FACULDADE E ESCOLA TÉCNICA

O ENSINO DE INOVAÇÃO EM CURSOS SUPERIORES NA ÁREA DE ADMINISTRAÇÃO

Roberto Rivelino Fernandes Belmonte¹
Douglas Araujo klock²³

RESUMO

O presente artigo trata de uma pesquisa de revisão, de cunho qualitativo, cujo objetivo é entender como acontece o Ensino de Inovação em cursos de Ensino Superior da área de Administração e afins. Para tal, fez-se uma busca nas bases de dados Portal de Periódicos da Capes, Google Acadêmico e *SciELO* na qual foram selecionadas seis publicações para revisão. Com base nas leituras dos capítulos correspondentes a resultados e discussões das publicações selecionadas, percebeu-se que o foco destas no que tange o Ensino de Inovação, estão voltados ao currículo, e pouco voltado a ensino na prática. Percebeu-se a predominância da ideia interdisciplinar dos estudos sobre inovação, porém não se descarta a necessidade de existir uma disciplina voltada especificamente ao Ensino de Inovação, pois entende-se que os conhecimentos sobre inovação são de grande demanda no mercado de trabalho. Por fim, destaca-se a necessidade de se fazer mais pesquisas sobre o Ensino de Inovação, visto que foram encontradas poucas publicações na área.

Palavras-chave: Currículo. Ensino de Inovação. Ensino Superior.

1 INTRODUÇÃO

Tem-se como premissa que a formação é plural, os conhecimentos construídos no processo de ensino e aprendizagem resultam da convergência de trajetórias, histórias de vida e de escolarização. Sobre isso, Tardif (2000) e Tardif e Lessard (2005) explicam que os saberes, os conhecimentos construídos pelos professores, são temporais, heterogêneos, plurais, situados e personalizados. Desse modo, não existe uma única fonte, pois os conhecimentos construídos pelos sujeitos emergem da diversidade de contextos culturais, tais como pessoal, escolar, institucional e da categoria profissional a qual pertence. Tardif (2000) complementa diferenciando os conhecimentos em disciplinares, pedagógicos, curriculares e experienciais, que são cada qual subjetivos a interiorização com a marca de cada sujeito que ensina e aprende.

Partindo de uma abordagem reflexiva, que envolve o pensamento e ação, se destaca como orientação conceitual dos programas voltados a formação de professores, dentre outras questões, transcender a formação docente como uma atividade puramente técnica. Nesse sentido, não basta para profissão docente habilidades técnicas ou conhecimentos de conteúdo específicos. Com base nisso, destaca-se que a formação pedagógica dos docentes do ensino

¹ Mestre em Gestão e Negócios pela UNISINOS e Pós-Graduado em Docência no Ensino Superior pela Uniasselvi. rivelinobelmonte84@gmail.com.

² Mestre em Gestão e Negócios pela UNISINOS. dougzklock@gmail.com.

superior deva ser calcada na *práxis* educativa, assumindo que o ato de ensinar é uma atividade complexa da qual exige um profissional devidamente capacitado para tal (PIMENTA e ANASTASIOU, 2002).

Por outro lado, a docência no ensino superior sofre com o excesso de atividades administrativas, entre outras questões recorrentes das instituições de ensino superior. Com isso, perdesse a oportunidade de aprimoramento docente através do compartilhamento de saberes docentes e até mesmo de formação continuada. Sobre essa questão, Zabalza (2000) aponta que:

El tiempo de estar juntos, compartir o debatir, es un bien escaso en las Universidades. Las personas estamos agobiadas de trabajo, compromisos y preocupaciones y no disponemos de tiempo para construir ese espacio común de encuentro que posibilite el conocimiento mutuo (personal y profesional) ni para observar lo que los otros hacen; las salas de profesores han dejado paso a las cafeterías y, así, los encuentros son puramente sociales y «en tránsito». Los momentos de reuniones se hacen escasos y muy condicionados por la necesidad de resolver cuestiones casi siempre administrativas. Los Departamentos, que deberían constituir ese espacio de coordinación, trabajo colectivo y apoyo mutuo tampoco han asumido de manera plena esa función (ZABALZA, 2000).

Conforme Zabalza (2000), as demandas excessivas dos professores das universidades tornam as possibilidades de aprimoramento docente escassos. Entende-se que uma das formas de aprimoramento docente parte das ações de pesquisa sobre o ensino. Nessa premissa, a presente pesquisa tem como foco responder a seguinte questão: *De que formas são descritas, em publicações da área, o Ensino de Inovação em cursos de Ensino Superior?* Para responder a esta pergunta, a pesquisa selecionou publicações acadêmicas que abordam o tema Ensino de Inovação em cursos superiores da área de administração e afins e articulou as informações obtidas nesse material ao referencial teórico previamente escolhido, descrito no próximo capítulo deste artigo.

Nesse contexto, têm-se por objetivo trazer resultados sobre como é abordado o Ensino de Inovação em cursos de Ensino Superior em publicações da área de Ciências Sociais Aplicadas, tendo como fonte de dados as publicações que foram captadas de forma sistemática nos bancos de dados *SciELO*, Google Acadêmico e Portal de Periódicos da Capes. Nas buscas, foram encontrados o total de cento e quarenta e três publicações, entretanto com o refinamento e seleção foram escolhidos apenas seis textos, cujo o tema central tem alguma relação como o Ensino de Inovação.

Percebe-se que existem pouca publicação sobre o Ensino de Inovação, e das publicações encontradas, nota-se o foco mais voltado ao currículo e poucas menções ao Ensino de Inovação em si. Entretanto, no que tange ao ato de ensinar Inovação persiste a ideia de que o Ensino de Inovação deva ter um caráter indisciplinar, ou seja, não deve ater-se apenas a uma disciplina específica, e sim permear diversas outras disciplinas dos cursos na área de administração.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Para compor os pressupostos teóricos desta pesquisa, optou-se por selecionar autores relacionados à docência no ensino superior, específicos para debater o ponto de vista pedagógico, e autores relacionados ao tema inovação, específicos para tecer conceitos e

definições sobre um conteúdo recorrente em cursos de administração e afins. Esta seleção de autores é a base para o debate analisar os artigos sobre o Ensino de Inovação.

2.1 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS SOBRE A DOCÊNCIA E O ENSINO

Conforme Pimenta, Anastasiou e Cavallet, (2003, p.271), o aprimoramento do corpo docente das universidades demanda pela conexão de saberes complementares e também que:

[...] diante dos novos desafios para a docência, o domínio restrito de uma área científica do conhecimento não é suficiente. O professor deve desenvolver também um saber pedagógico e um saber político. Este possibilita ao docente, pela ação educativa, a construção de consciência, numa sociedade globalizada, complexa e contraditória. Conscientes, docentes e discentes fazem-se sujeitos da educação. O saber-fazer pedagógico, por sua vez, possibilita ao educando a apreensão e a contextualização do conhecimento científico elaborado (PIMENTA, ANASTASIOU e CAVALLET, 2003, p.271).

Entende-se que a formação dos docentes para o ensino superior, num processo contínuo, não é estanque à formação docente inicial, obtida geralmente em cursos de pósgraduação. De acordo com Pimenta e Anastasiou (2002) a formação docente inicia antes mesmo de sua escolha por uma carreira profissional, no período escolar a partir da observação da conduta profissional de seus professores da educação básica. Nessa passagem de aluno para professor da Universidade, Tardif, Lessard e Lahye (1991) ponderam que na ação docente cotidiana, o professor enfrenta diversos limites e imprevistos inerentes ao ensino, que o direciona para o desenvolvimento de habilidades pessoais e profissionais que o possibilite a ultrapassar essas barreiras, desenvolvendo uma identidade docente e uma maneira própria de ensinar.

Pode-se inferir que, embora os profissionais formados em ensino superior com conhecimentos técnicos específicos de sua área de formação e conhecimentos experiências de suas vivências profissionais, não estão devidamente capacitados para lecionar no ensino superior. Esta afirmação decorre das visões equivocadas sobre o processo de ensino e aprendizagem construídos em sua trajetória, como a escolar por exemplo. Sobre essa situação Pimenta e Anastasiou (2002, p.37) afirmam que existe na docência do ensino superior um “despreparo e até um desconhecimento científico do que seja o processo de ensino e de aprendizagem, pelo qual passam a ser responsáveis a partir do instante em que ingressam na sala de aula”. Os autores sustentam sua afirmação explicando que os professores de ensino superior, em grande parte, têm pouco suporte pedagógico seguindo o caminho docente de forma solitária, ancorados em poucos elementos relacionados ao ensino, tais como as ementas das disciplinas ao qual lecionam.

Por outro lado, mesmo sem a capacitação específica para a docência no ensino superior, existem professor universitários que ensinam e são bem-sucedidos. Conforme os autores Veiga (2009) e Pimenta e Anastasiou (2002), pode-se atribuir tal possibilidade pela construção de saberes decorrentes da experiência e disciplinares, ou seja, o professor aprende na prática. Nesse aspecto, Tardif (2000) compreende os saberes docentes como algo que se transforma na dimensão temporal. Conforme o autor, o fazer docente é um processo que se transforma e se

constrói permanentemente, através da prática em sala de aula e da reflexão calcada em referenciais teóricos.

Cabe retomar as definições de Tardif (2002), ao afirmar que os saberes da profissão professor relacionados ao ensino, tem origem em diferentes fontes, tais como: a formação inicial e continuada de professores, do currículo e do espaço do conhecimento das disciplinas a serem ensinadas, da experiência na profissão, da cultura pessoal profissional, da aprendizagem com os pares, entre outras. Tardif (2002) dá relevância, também, às aprendizagens que o professor constrói no ambiente de trabalho, de sua experiência profissional; o autor considera que as relações estabelecidas pelo professor com o campo do trabalho estão sujeitas e influências que agregam em conhecimento num contexto de complexidade.

Com base nos autores Tardif (2000), Viega (2001) e Pimenta e Anastasiou (2002), a falta de formação específica não invalida a capacidade de um profissional para lecionar no ensino superior, pois sua formação pode transcender de sua experiência profissional e no cotidiano de sala de aula, porém existe uma lacuna a ser superada, que passa pela formação e capacitação do corpo docente do ensino superior para o ato de ensinar.

2.2 CONCEITUANDO A INOVAÇÃO

Conforme a Organisation for Economic Co-operation and Development (OECD, 2005), as teorias existentes sobre inovação sofreram grande influência do trabalho de Joseph Schumpeter (1883 – 1950). Para Schumpeter, existe um processo, que ele chamou de destruição criativa, onde a inovação tem a capacidade de impulsionar o desenvolvimento econômico, o que consiste num processo dinâmico em que as novas tecnologias são substituídas por novas (OECD, 2005). Nesse aspecto, Schumpeter pondera as mudanças provocadas pela ciência e tecnologia com enfoque no mercado. Partindo dessa premissa, é possível afirmar que invenção e inovação são coisas distintas, sendo a invenção a novidade, a criação de algo novo, e a inovação é o uso e desenvolvimento comercial dessa invenção, chegando na trilogia "invenção-inovação-difusão" a que se referia Schumpeter (ROBERTS, 1998).

A definição do que vem a ser Inovação modificou-se com o passar do tempo; pode-se dizer que em paralelo as mudanças que as inovações provocam na dinâmica global. O Quadro 1 traz algumas definições de inovação:

Quadro 1 – Definições de Inovação

| Autoria | Definição |
|---|---|
| Schumpeter na obra <i>The Theory of Economic Development</i> (1934) | Inovação está relacionado à noção de tecnologia, que pode ser sintetizada como conhecimento técnico associado à produção de bens e serviços. Inovar produz tanto desequilíbrio quanto desenvolvimento (CONCEIÇÃO, 2000). |
| Freeman (1975) | O autor sugeriu que as inovações sociais, pertencentes ao campo da política tecnológica, devem ser inclusas na definição de inovação. Considera-se, desse modo, que os estímulos governamentais à inovação influenciam no ritmo e direção das |

| | |
|---|---|
| | inovações e nos limites nacionais que podem atingirem, variando de país para país (CONCEIÇÃO, 2000). |
| Giovanni Dosi (1988) | Conforme Dosi, atividades inovadoras envolve a percepção de oportunidades técnicas e econômicas inexploradas. Para o autor, no processo de inovação ocorre a procura, a descoberta, a experimentação, o desenvolvimento, a imitação e a adoção de novos produtos e/ou novos processos de produção e/ou novas formas de organização (CONCEIÇÃO, 2000). |
| Niosi <i>et al.</i> (1993) | A inovação consiste na criação de novos e melhores produtos e processos, de novas formas organizacionais, da aplicação de tecnologias existentes em novos campos, da descoberta de novos recursos e da abertura de novos mercados. |
| Damanpour e Gopalakrishnan, (2001) | Para esses autores a inovação é a adoção de uma ideia ou comportamento, respectivo a um serviço, produto, dispositivo, sistema, política ou programa, que é novo para uma determinada organização ou setor. |
| Drucker (2002) | O autor definiu a inovação como o esforço para criar uma mudança objetivamente focalizada no potencial econômico ou social de um empreendimento. |
| Everett M. Rogers (EUA, 1931 – 2004) | A definição é bastante ampla e considera ideias, práticas ou objetos que sejam percebidos como novo pelo indivíduo ou unidade adotante. Ou seja, não importa se a ideia já existia ou não, desde que seja inédita para os potenciais adotantes da mesma. Para ser difundida, uma inovação precisa ser comunicada por meio de certos canais, através do tempo, entre os membros de um sistema social. São quatro, portanto, os elementos que dão base ao modelo do autor em questão: inovação, canais de comunicação, tempo e sistema social (GIACOMINI <i>et al.</i> 2007). |
| Organisation for Economic Co-operation and Development (OECD, 2005) | Define a inovação como a implementação de um novo processo ou produto (bem ou serviço) significativamente melhorado, ou um novo método de marketing, ou de um novo método organizacional na prática de negócios, na organização do local de trabalho ou relações externas. |
| Tidd e Bessant (2015) | Os autores explicam que a inovação está intensamente pautada na habilidade de moldar relações, detectar oportunidades extrair utilidades delas. |

Fonte: Pesquisa.

Um ponto importante destacado por Kaplan e Norton (2004) é a vantagem competitiva que a inovação pode trazer para uma organização. Conforme os autores, sem inovar a conjuntura de valor de uma empresa pode ser imitada por outras levando o parâmetro de competitividade à precificação. Nesse sentido, Schreiber (2013) explica a necessidade de empresas empregarem formas de gerarem novas fontes de vantagens de forma contínua, para manterem-se competitivas e, com isso, as estratégias são adotadas como temporárias.

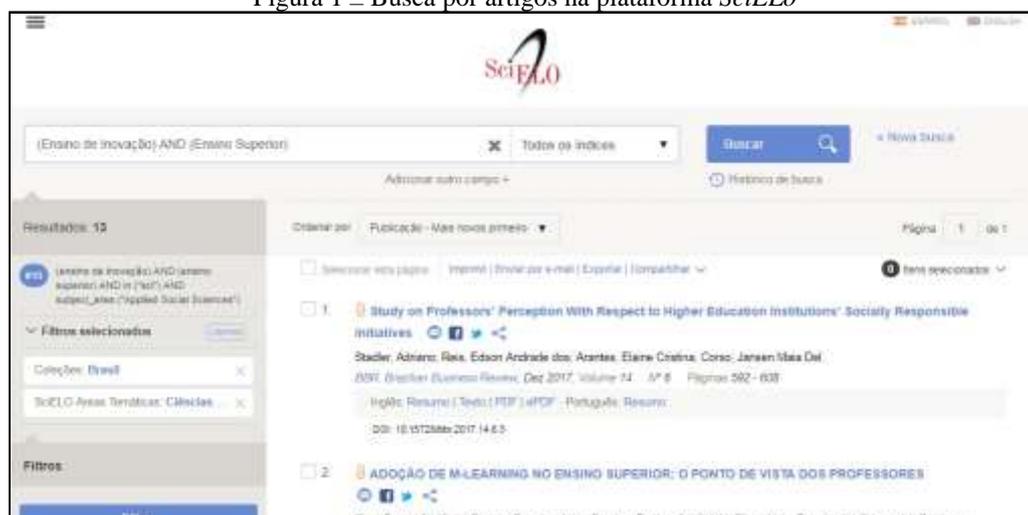
No cenário de competição mantêm-se em destaque os debates sobre o controle de processos inovadores, de forma a conduzir os projetos de uma organização na direção estratégica apropriada, monitorando seu desenvolvimento (PEREZ-FREIJE e ENKEL, 2007).

3 METODOLOGIA

Os métodos da presente pesquisa são de cunho qualitativos, com o objetivo de analisar publicações selecionados por uma busca bibliográfica sistemática. Entende-se como pesquisa bibliográfica, de acordo com Lakatos e Marconi (2003), como sendo pesquisas desenvolvidas a partir de fontes bibliográficas, principalmente livros, pesquisas e artigos científicos. Segundo os autores, pode-se utilizar fontes secundárias, tais como boletins, jornais, revistas, livros, pesquisas, monografias Dissertações e Teses. Para esta pesquisa, foi organizado uma estratégia de busca por publicações em três bases de dados: *SciELO*, Google Acadêmico e Portal de Periódicos da Capes, que são bases de dados com vasto acervo digital.

Para a busca na plataforma *SciELO* utilizou-se os descritores “Ensino de Inovação” and “Ensino Superior” e selecionando o filtro da área “Ciências Sociais Aplicadas” (Figura 1).

Figura 1 – Busca por artigos na plataforma *SciELO*



Fonte: Pesquisa.

Na base de busca Google Acadêmico foi empregado os descritores “Ensino de Inovação” e “Docência no Ensino Superior”. Não foi aplicado nenhum tipo de filtro, pois não havia a opção de busca por área específica na plataforma (Figura 2).

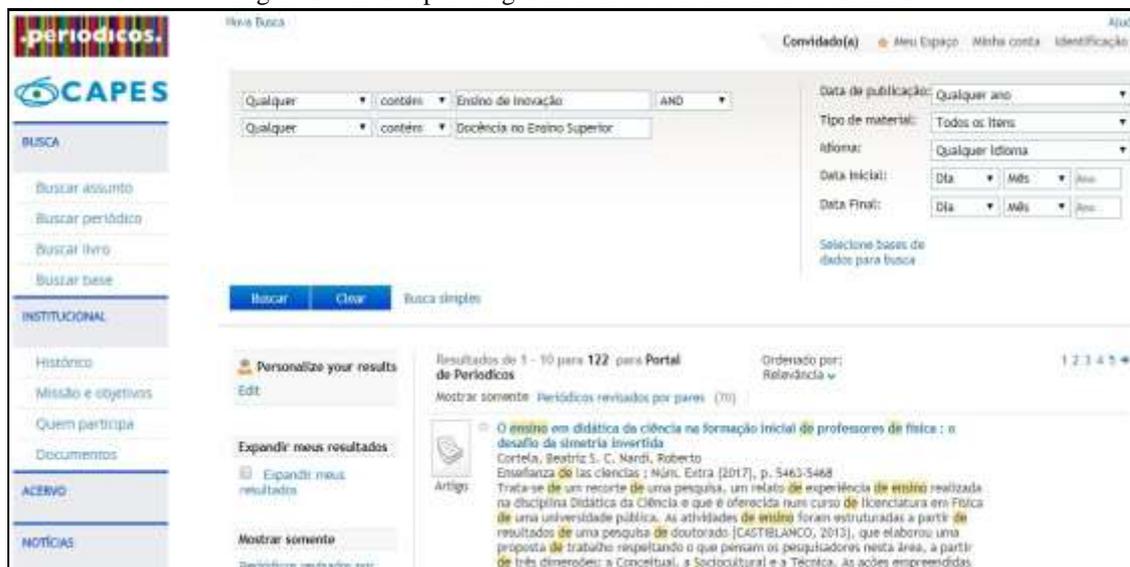
Figura 2 – Busca por artigos na Plataforma do Google Acadêmico



Fonte: Pesquisa.

Na plataforma do Portal de Periódicos da Capes, fez-se a busca por assunto, usando como descritores os termos “Ensino de Inovação” and “Docência no Ensino Superior”, sem utilizar qualquer outro filtro (Figura 3).

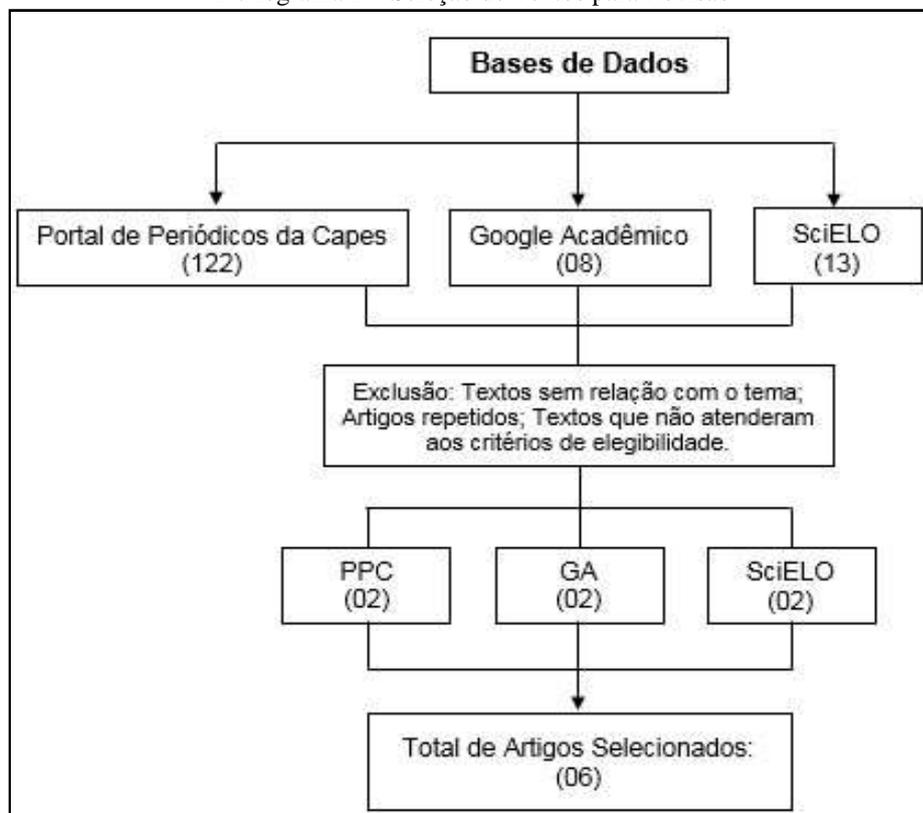
Figura 3 – Busca por artigos no Portal de Periódicos da CAPES



Fonte: Pesquisa.

Para selecionar os artigos, fez-se a leituras de seus títulos, resumos e palavras-chaves, escolhendo para a revisão apenas os artigos com estrita relação com o objetivo dessa pesquisa, o Ensino de Inovação no Ensino Superior. O processo de seleção dos artigos foi detalhado no Fluxograma 1:

Fluxograma 1 – Seleção de Textos para Revisão



Fonte: Pesquisa.

Os seis textos selecionados foram analisados a partir da leitura de seus capítulos correspondentes às discussões dos resultados. A partir dessa leitura, fez-se a análise de conteúdo com base no referencial teórico apresentada nesse artigo, no capítulo anterior.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A primeira reflexão que se pode fazer a partir dos resultados dessa pesquisa é com relação ao baixo número de publicações sobre o tema, o que indica que o Ensino de Inovação é um assunto que anseia por novas pesquisas com vista a qualificar os conhecimentos acerca dessa temática. Pode-se atribuir o diminuto número de pesquisas publicados na área à afirmação de Zabalza (2000), ao explicar que existe pouco estímulo aos professores do ensino superior em compartilhar suas experiências docentes. Outro aspecto importante a ser destacado, é que as publicações encontradas focam seu discurso na presença do Ensino de Inovação nos currículos e não no Ensino de Inovação na prática. Os dados básicos das publicações selecionadas estão no Quadro 2:

Quadro 2 – Textos selecionados para revisão

| Título | Periódico/Base | Autores | Ano de Publicação |
|--|---|----------------------------------|--------------------------|
| Desafios (e dilemas) para inserir “Sustentabilidade” nos currículos de administração: um estudo de caso | Ram, Rev. Adm. Mackenzie (SciElo) | Dias, Herrera e Cruz | 2013 |
| Ensino e pesquisa em gestão ambiental nos programas brasileiros de pós-graduação em administração | Ram, Rev. Adm. Mackenzie (SciElo) | Sinay, Dalbem, Loureiro e Vieira | 2013 |
| Dimensões da Inovação na Pós-Graduação: Papéis e Significados | Revista Organizações em Contexto (Google Acadêmico) | Pereira, Vieira e Damião | 2018 |
| Inovação, ensino e pesquisa: a visão dos gestores dos programas de pós-graduação do abc paulista | (Google Acadêmico) | Pereira | 2016 |
| O ensino de inovação na formação do administrador brasileiro: contribuições para os gestores de curso | Administração: Ensino e Pesquisa (Portal de Periódicos da Capes) | Pereira, Franco, Santos e Vieira | 2015 |
| O ensino de "inovação" na Administração, Ciências contábeis, Turismo e Tecnologia em gestão: um estudo exploratório em Instituições de Ensino Superior brasileiras | RAI Revista de Administração e Inovação (Portal de Periódicos da Capes) | Pereira, Almeida e Santos | 2012 |

Fonte: Pesquisa.

Pode-se atribuir a pouca quantidade de artigos encontrados ao fato o Ensino de Inovação não ser obrigatório nos currículos. Conforme Pereira *et al.* (2012) o Ensino de Inovação não precisa fazer parte, obrigatoriamente, da organização curricular do curso de Bacharelado em Administração, embora, na conjuntura deva ser ensinado neste curso, por se tratar de um conceito muito importante na formação dos futuros profissionais do curso de Administração e afins. Tal afirmação, leva a outro ponto importante analisado nos textos selecionados para esta revisão, que é o tratamento dado ao Ensino de Inovação nos Currículos de cursos superiores.

Pereira *et al.* (2012) trazem resultados significativos sobre a presença da Inovação nas matrizes curriculares dos cursos de Bacharelado em Administração, Ciências Contábeis, Turismo e Cursos Superiores de Tecnologia em Gestão de Instituições de Ensino Superior (IES) no Brasil. Os autores observarão que nas regiões Sul e Sudeste existem mais cursos que contemplem a inovação de alguma forma em seus respectivos currículos. Os autores destacam que as IES dos estados de Minas Gerais (MG), Paraíba (PB) e Roraima (RR) não apresentam menção à Inovação em seus currículos dos referidos cursos.

Outro ponto importante ressaltado por Pereira *et al.* (2012) é a infrequência do uso de termos relacionados a Inovação nos currículos dos cursos de Ciências Contábeis e da área de Turismo. Dos 301 cursos cujos currículos foram analisados por contemplarem, de alguma forma, o Ensino de Inovação, 95 foram de cursos na área de Gestão e 205 em cursos de Administração. Entretanto, no refinamento dos dados utilizados na pesquisa, concluíram que apenas 26 disciplinas (8,67%) dos cursos analisados apresentaram nas ementas e bibliografias algum conteúdo específico relacionado à inovação.

Pereira *et al.* (2015) apresentam uma continuação da pesquisa de Pereira *et al.* (2012), em que sobressaem o retorno dado por professores das disciplinas que tratam de Inovação das instituições pesquisadas. Pereira *et al.* (2015) afirmam que dos 831 e-mails enviados a estes professores obtiveram apenas 14 retornos. Entretanto, os respondentes foram unânimes ao afirmar que existe a necessidade de os cursos darem mais ênfase ao Ensino de Inovação, de forma que os cursos de formação acadêmicos acompanhem o acelerado ritmo do mercado, que investe pesadamente em P&D e está em constante inovação de seus produtos, processos e serviços. O trabalho de Pereira *et al.* (2018) também ressalta a questão do Ensino de Inovação nos currículos, porém com foco na posição temática da inovação na pós-graduação. Conforme os resultados da pesquisa desses autores, o Ensino de Inovação deve ter caráter interdisciplinar, pois o papel da inovação não deve ficar isolada numa disciplina específica apenas, o Ensino de Inovação deve ser integrando com todas as demais disciplinas e, ainda, fazer parte da estrutura dos programas de pós-graduação, articulando o ensino às ações de pesquisa. Nesse sentido, as habilidades do docente devem ir além de técnicas ou conhecimentos de conteúdo específicos, pois exige habilidades mais complexas da qual estabelece um profissional devidamente capacitado, munido de saberes experiências, disciplinares, práticos e curriculares (PIMENTA e ANASTASIOU, 2002; TARDIF, 2002).

Os autores Sinay *et al.* (2013) e Dias *et al.* (2013) defendem que Gestão Ambiental e Sustentabilidade podem ser estudadas em cursos da área de Administração como uma forma de Inovação. Nesse ponto, pode ser destacado novamente a visão de interdisciplinaridade do Ensino de Inovação levantado por Pereira *et al.* (2018). Ainda sobre a visão Interdisciplinar do Ensino de Inovação, Pereira (2016) traz como destaque a fala de um de seus entrevistados, ao afirmar que a inovação nem sempre precisa aparecer nas grades curriculares dos cursos, pois os estudos de inovação podem estar incorporados em conceitos de outras disciplinas.

Considerando que o Ensino de Inovação deva ter um destaque que vá além de uma disciplina exclusiva no currículo dos cursos, partindo para uma visão interdisciplinar, o professor terá que usar seus saberes disciplinares, experiências e curriculares (TARDIF, 2002). O professor das diferentes disciplinas deve ter vasto conhecimento experiencial, principalmente, não só de sua experiência como docente, mas também de mercado (PEREIRA, 2016).

Outro ponto a ser destacado é que para ensinar inovação em cursos de ensino superior é preciso inovar no ato de ensinar. Conforme Pereira (2016), inovar é mais que criar produtos tecnológicos, inovar compreende também a transformação de alunos e professores e instituições de ensino. Percebe-se que esta forma de entender o Ensino de Inovação conversa com a visão de Inovação de Tidd e Bessant (2015), Everett M. Rogers (EUA, 1931 – 2004), Drucker (2002), Damanpour e Gopalakrishnan (2001) (GIACOMINI et al. 2007; CONCEIÇÃO, 2000). No sentido de inovar no ato de ensinar, Pereira (2016) aponta que as IES precisam adaptar-se ao mercado, criando novas expectativas quanto a formação de seus alunos. Para tal, pode se retomar as ideias de Pimenta, Anastasiou e Cavallet, (2003), pois torna-se necessário o aprimoramento do corpo docente das IES de forma a atender à esta demanda.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nota-se que o Ensino de Inovação nos cursos de educação superior não deve focar apenas na inovação de produtos, processos e serviços como os vistos no Quadro 1, pois tratase da formação de um profissional com princípios de inovação. Nesse sentido, o Ensino de Inovação deve ultrapassar o aprendizado disciplinar, ou seja, de uma disciplina específica, e atingir um nível interdisciplinar que permeie todo seu processo de formação e com uma visão mais ampla do que vem a ser inovação na prática.

Outro ponto importante diz respeito a presença da Inovação nos currículos de cursos superiores. Embora defenda-se que a Inovação seja abordada de forma interdisciplinar, o Ensino de Inovação deve ter espaço fixo na grade curricular, visto que se trata de um conhecimento de grande demanda no mercado de trabalho.

Foi observado nesta pesquisa que existem poucas publicações voltadas ao Ensino de Inovação, e as poucas existentes tem o foco voltado as questões curriculares e pouco voltada ao ato de ensinar inovação. Nesse sentido, aponta-se aqui a necessidade de investir esforços em novas pesquisas voltadas ao Ensino de Inovação, por entender que se trata de um conceito amplo e de grande validade no mercado de trabalho.

REFERÊNCIAS

CONCEIÇÃO, Octávio Augusto Camargo. A centralidade do conceito de inovação tecnológica no processo de mudança estrutural. *Ensaio FEE*, v. 21, n. 2, p. 58-76, 2000.

DAMANPOUR, Fariborz; GOPALAKRISHNAN, Shanthi. The dynamics of the adoption of product and process innovations in organizations. *Journal of management studies*, v. 38, n. 1, p. 45-65, 2001.

DIAS, Sylmara Lopes Francelino Gonçalves; Herrera, C. B.; Cruz, M. T. D. S.. Desafios (e dilemas) para inserir "Sustentabilidade" nos currículos de administração: um estudo de caso. *Revista de Administração Mackenzie*, v. 14, n. 3, p. 119-153, 2013.

DRUCKER, Peter. *Administração na próxima sociedade*, A-Exame. NBL Editora, 2002.

GIACOMINI FILHO, Gino; ESTEVÃO GOULART, Elias; PEGURER CAPRINO, Mônica. Difusão de inovações: apreciação crítica dos estudos de Rogers. Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia, n. 33, 2007.

SINAY, Maria Cristina Fogliatti De; CORREA Dalbem, M. A. R. T. A., ANDRADE LOUREIRO, I. O. N. E.; de Menezes Vieira, J. Ensino e pesquisa em gestão ambiental nos programas brasileiros de pós-graduação em administração. RAM. Revista de Administração Mackenzie, v. 14, n. 3, 2013.

KAPLAN, Robert S.; NORTON, David P. Mapas estratégicos: convertendo ativos intangíveis em resultados tangíveis. Gulf Professional Publishing, 2004.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. Fundamentos de metodologia científica. 5. ed.-São Paulo: Atlas, 2003.

NIOSI, J. et al. (1993). National systems of innovation: in search of a workable concept. Technology in Society. v.15, p.207-227.

OECD. Handbook on Economic Globalisation Indicators, OECD, Paris, 2005.

PEREIRA, Cristiane Santana Teles; VIEIRA, Almir Martins; DAMIÃO, Wanderson Da Silva. Dimensões da Inovação na Pós-Graduação: Papéis e Significados. Revista Organizações em Contexto, v. 14, n. 27, p. 211-234.

PEREIRA, Raquel Da Silva; Franco, I. D., Dos Santos, I. C.; Vieira, A. M. Ensino de inovação na formação do administrador brasileiro: contribuições para gestores de curso/Innovation teaching within the brazilian academic scenario: contributions to highereducation course administrators. Administração: Ensino e Pesquisa, v. 16, n. 1, p. 101, 2015.

PEREIRA, Raquel da Silva; Franco, I. D., de Almeida, L. C. B.; dos Santos, I. C. O ensino de "inovação" na Administração, Ciências contábeis, Turismo e Tecnologia em gestão: um estudo exploratório em Instituições de Ensino Superior brasileiras. RAI Revista de Administração e Inovação, v. 9, n. 4, p. 221-244, 2012.

PEREZ-FREIJE, Javier; ENKEL, Ellen. Creative tension in the innovation process: How to support the right capabilities. European Management Journal, v. 25, n. 1, p. 11-24, 2007.

PIMENTA, S. G. Formação de professores: saberes da docência e identidade do professor. In: FAZENDA, I. (Org.). Didática e interdisciplinaridade. Campinas-SP: Editora Papirus, 1998. p. 161-178.

PIMENTA, S. G., ANASTASIOU, L. G. C. Docência no ensino superior. São Paulo: Cortez, 2002.

RAAM, Porto Alegre, RS, v. 1, n. 2, p. 56-68, dez. 2019.

PIMENTA, Selma Garrido; ANASTASIOU, Léa das Graças Camargos; CAVALLET, Valdo José. Docência no ensino superior: construindo caminhos. Formação de educadores: desafios e perspectivas. São Paulo: UNESP, p. 267-278, 2003.

ROBERTS, Rhonda. Managing innovation: The pursuit of competitive advantage and the design of innovation intense environments. *Research policy*, v. 27, n. 2, p. 159-175, 1998.

SCHREIBER, Dusan. Inovação e aprendizagem organizacional. Editora Feevale, 2013.

TARDIF, Maurice; RAYMOND, Danielle. Saberes, tempo e aprendizagem do trabalho no magistério. *Educação e Sociedade*, Ano XXI, n. 73, dez. 2000.

TARDIF, Maurice. O trabalho docente, a pedagogia e o ensino: interações humanas, tecnologia e dilemas. *Cadernos de Educação*, Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas, ano 10, n. 16, p. 7-14, jan./jun. 2001.

TARDIF, M. Saberes docentes e formação profissional. Petrópolis: Vozes, 2002.

TARDIF, M., LESSARD, C. O trabalho docente. Petrópolis: Vozes, 2005.

TARDIF, M.; LESSARD, C.; LAHAYE, L. Esboço de uma problemática do saber docente. *Teoria & Educação*, v. 1, n. 4, p. 215-253, 1991.

TIDD, Joe; BESSANT, Joe. Gestão da inovação. Bookman Editora, 2015.

VEIGA, Ilma. A Aventura de Formar Professores. Campinas – SP: Papirus, 2009.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro. Caminhos da Profissionalização do Magistério. Campinas – SP: Papirus, 2001.

ZABALZA, M. A. Competencias docentes del profesorado universitario. *Calidad y desarrollo*